

# Collor cresce e garante presença no segundo turno

Ao ultrapassar o patamar de 30 por cento nas pesquisas de opinião, Fernando Collor de Mello marcha para garantir uma das duas vagas do segundo turno da eleição presidencial, mesmo que a sua cotação ainda despenque no calor da campanha nos próximos meses.

A proliferação de candidatos no sistema pluripartidário torna difícil que alguém consiga a maioria absoluta dos votos no primeiro turno, mesmo Collor em sua ascensão atual, mas facilita a passagem para a segunda votação de quem receber pouco mais de 20 por cento no primeiro turno.

"O fato é que, a partir de agora, Collor deve centralizar a atenção de seus concorrentes", prevê o cientista político Bolívar Lamounier, professor da Universidade de São Paulo. Para ele, o candidato do inexpressivo PRN, aliado a partidos ainda mais insignificantes, vão ser o alvo do fogo cerrado outras candidaturas e partido com estruturas mais firmes.

Mas a preliminar do jogo oferece a Collor quatro posições vantajosas, segundo uma avaliação de políticos no correr da convenção do PMDB no final de semana em Brasília:

1. A simpatia do empresário Roberto Marinho e sua Rede Globo, amigo da família Collor de Mello há mais de 20 anos. Leopoldo Collor irmão de Fernando, foi diretor da Globo no Nordeste e em São Paulo durante uma extensa temporada, enquanto sua família controla em Maceió a TV Gazeta, com programação da Rede Globo, de quem é afiliada.

2. A sua não identificação pela opinião pública, apesar da linguagem política de sua família, com os políticos e partidos tradicionais, todos em queda de prestígio.

3. O apoio de um marketing político bem estruturado e ao qual Collor oferece-se como um ótimo produto, pela juventude, boa aparência e falta de vícios ou cacoetes de comportamento. Um conjunto de qualidades que se completa com o fato de Collor permitir que os homens de marketing utilizem-no como julgarem mais conveniente.

4. O congestionamento da esquerda pelas candidaturas de Brizola (PDT), Lula (PT), Covas (PSDB) e Ulysses, — Waldir (PMDB) abre espaço generoso para um nome forte de centro-direita.

Um conjunto de quatro pontos que, segundo avaliação geral, atinge negativamente a candidatura de Ulysses Guimarães que, com Waldir Pires na vice,

perde completamente a hipótese de ter a simpatia da TV Globo. Simpatia que Jânio Quadros pode ostentar, mas sua candidatura tropeça na identificação com a política tradicional.

Na medida em que representa um Jânio Quadros mais renovado e atualizado, Collor deve despertar, agora, uma definição mais firme do original. Com a ascensão de Collor, Jânio precisa assumir com urgência uma posição mais definida no embate sucessório, sob pena de perder novos espaços para a sua cópia moderna.

Em outra reação, o PFL precisa contar com urgência os votos que foram oferecidos pelas bases ontem aos seus três presidenciais, definir o vencedor e deixar que ele conduza logo o partido para uma posição final na campanha. Sob o risco de um massacre no primeiro turno que reduza ainda mais o seu cacife de negociação no segundo. O PFL pode preferir uma composição desde logo com outro candidato.

O drama do PMDB também é de urgência. O partido perdeu tempo e espaço enquanto definia sua chapa de candidatos e ainda não dispõe de roteiro certo de campanha, a não ser a intenção de se concentrar nas cidades mais importantes de cada Estado e desprezar o resto. Enquanto isso, Collor avança sobre suas bases, principalmente nessas pequenas cidades desprezadas.

Quanto ao PSDB do senador Mário Covas, pode ficar mais imune do que o PMDB e o PFL ao avanço de Collor, mas não deve ter condições de competir com o PDT de Leonel Brizola na aglutinação da esquerda contra o progresso do candidato do PRN nas pesquisas. A convergência, que seria natural diante da posição de Brizola nas pesquisas, teria problema no PT.

Mas o PT de Lula entra na nova fase da campanha desgastado pela suas ligações com o grevismo e as bombas de sindicatos da CUT, que apenas aumentam a insegurança de uma sociedade que deseja sair em paz da crise. Os trunfos eleitorais de Lula, conforme indicam seu declínio nas pesquisas, caminham para ficar restritos à gana da dedicação pessoal dos militantes do PT.

Nessa perspectiva, o embate do segundo turno, dentro de sete meses, reuniria Collor de um lado do ringue e Brizola do outro. Seria um confronto delicado para o governo do presidente Sarney, cuja valiosa estrutura de apoio pode ficar sem beneficiário mesmo no primeiro turno, com marcha de Collor sobre Jânio.